

Jornalismo de Soluções nas escolas: olhar estudantil revela respostas aos desafios sociais¹

Antonio Simões²

Nathália Leal³

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

O Jornalismo de soluções tem como um de seus objetivos contribuir com o processo de empoderamento da audiência. Mas, será que o público consegue, desde que capacitado previamente, se apropriar dessa nova abordagem jornalística para desenvolver ações que ajudem, por exemplo, a divulgar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) em sua comunidade? Este trabalho busca começar a responder essa questão. Seu referencial teórico básico é o Jornalismo de soluções e foi realizado por meio da observação participante. É possível perceber usos e apropriações de noções elementares da nova abordagem em fotografias feitas por estudantes de escolas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo de soluções; Empoderamento; Objetivos de Desenvolvimento Sustentável; Educação Midiática.

INTRODUÇÃO

As interações entre jornalistas e a audiência foram potencializadas pelos dispositivos digitais conectados à internet, considerada uma mídia dialógica (Lemos; Lévy, 2010). Nesse sentido, principalmente veículos jornalísticos nativos digitais buscam desenvolver diversos canais de comunicação com o público-alvo e gradativamente convidá-lo para fazer parte de uma comunidade.

Há vários caminhos usados pelos veículos para conversarem com a audiência. Um deles é incentivar o público para produzir conteúdo, o qual é publicado sob a chancela de credibilidade inerente a um produto jornalístico. Com essa estratégia, que se apropria do

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Jornalismo de Soluções, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Professor do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Coordenador do projeto de extensão Anti-horário. Integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade (Mobjor/UEPB). Escreveu o livro *Jornalismo de Soluções* (Curitiba: Appris, 2022). E-mail: simoes@servidor.uepb.edu.br.

³ Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: nathali4leticia@gmail.com.

conhecimento produzido pelas audiências ativas (Masip et al, 2015), a interatividade é potencializada com o uso de dispositivos digitais móveis.

As empresas criam espécies de mini manuais de redação, onde explicam como os conteúdos produzidos pelos leitores devem ser elaborados e encaminhados para os editores, que permanecem com a antiga função de *gatekeeper* (Wolf, 1999). Afinal, ainda são os responsáveis por fazer a mediação entre o que vai ser ou não publicado.

Mas, será possível enriquecer a produção da audiência, treinando o público para a construção de conteúdo com base em uma abordagem inovadora específica, como, no caso deste estudo, o Jornalismo de soluções? A partir da análise de ações desenvolvidas pelo projeto de Extensão “Desafio Anti-horário: registros fotográficos de soluções que ajudam a alcançar os ODS”, essa questão começa a ser respondida.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA

Possivelmente um dos primeiros registros acadêmicos sobre o Jornalismo de soluções foi efetuado por Susan Benesch, em 1998. No título de seu texto, a autora já destacava a ascensão nos Estados Unidos dessa abordagem jornalística inovadora. Rapidamente, a novidade chegou até a América Latina.

Nos anos 2000, a *Fundación para un Nuevo Periodismo Iberoamericano*, mais conhecida como Fundação Gabo, de maneira pioneira, por meio do tema “investigação de soluções” de um de seus *workshops* para jornalistas latino-americanos, começou a expandir o alcance dessa nova prática.

Porém, apesar dessa produção inicial de conhecimento e de esforços para a sua divulgação, os estudos científicos são escassos ao longo da primeira década do novo milênio. Conforme Lough e McIntyre (2021), apenas em 2015 foi publicada a primeira tese sobre a temática. Eles estudaram 94 trabalhos científicos, sendo 73 artigos de revistas científicas e 23 teses ou dissertações sobre Jornalismo de soluções e/ou sobre Jornalismo construtivo⁴, o qual tem como um de seus pilares o Jornalismo de soluções, publicados de 2011 a 2020.

⁴ “O jornalismo construtivo é alicerçado na aplicação de conhecimentos sobre psicologia positiva que estimulam propositalmente o engajamento e o empoderamento nos leitores ao passo que, no jornalismo de soluções, esses estímulos são uma consequência usada posteriormente para comprovar a sua validade, sendo o objetivo principal entregar um jornalismo de qualidade a partir de reportagens mais fidedignas à realidade”. (Souza, 2017 p. 59-60)

Lough e McIntyre explicam que as pesquisas precisam ser, cada vez mais, desenvolvidas em regiões como a América do Sul. Afinal, apesar da investigação deles ter uma abrangência de 23 países, 35% dos trabalhos foram desenvolvidos na América do Norte e 29% na Europa. Porém, já em 2017, apenas dois anos após a primeira tese sobre Jornalismo de soluções ser produzida, Souza (2017) apresentou uma monografia sobre o tema. Foi, possivelmente, o início de uma produção científica nacional que, desde 2019, sempre é debatida em eventos acadêmicos nacionais de referência como Intercom e SBPJOR. Na edição do Intercom de 2022, realizado em João Pessoa, na Paraíba, que o livro “Jornalismo de Soluções” foi lançado. Ele é o primeiro livro brasileiro sobre a temática e, possivelmente, também é o pioneiro a ser publicado em língua portuguesa.

Em síntese, a obra apresenta o referencial teórico sobre Jornalismo de soluções, além de oferecer um guia prático de como produzir reportagens com foco em respostas aos problemas sociais e, finalmente, analisar reportagens brasileiras e internacionais que empregam com excelência o Jornalismo de soluções. Na publicação, o autor propõe um conceito, o qual, como ele mesmo explica, certamente vai ser tensionado à medida que as pesquisas na área avancem.

O jornalismo de soluções é a modalidade jornalística materializada na produção de narrativas, a partir de um olhar focado em amplificar a visibilidade de soluções para problemas sociais, capazes de gerar emoções positivas na audiência e motivar o público a se engajar e a participar do processo de consolidação dessas respostas aos desafios sociais. (Simões, 2022, p. 99).

Também em 2022, Johnson e Freitas buscaram construir uma conceituação para uma vertente que está em emergência no jornalismo na atualidade.

O Jornalismo de Soluções, do termo original inglês Solutions Journalism (Sojo), é uma abordagem que privilegia respostas – enquanto ações coletivas – a problemas sociais sistêmicos, a partir de fontes de informação plurais e representativas em contextos histórico-sociais. É uma alternativa, não excludente, ao jornalismo factual, declaratório e pontual, que não explora tentativas de reverter questões perenes. (Johnson; Freitas, 2022, p. 415)

Esses conceitos já demonstram a evolução nos estudos científicos brasileiros. Até pelo 2017, conforme Souza (2017), não havia sequer um conceito amplamente consolidado sobre o Jornalismo de soluções. “Essa carência é consequência de pesquisas pragmáticas centradas exclusivamente na identificação dos efeitos das reportagens, sem

a devida atenção às contribuições que uma reflexão puramente teórica pode fornecer no desenvolvimento dessa abordagem” (Souza, 2017, p. 51-52).

Sem dúvidas, ainda ocorrerão avanços na construção do conceito. Porém, demonstrado como a academia vem construindo conhecimento sobre a questão, agora chega o momento de analisar se o Jornalismo de soluções pode ser ensinado para a audiência, intensificando o processo de empoderamento⁵ do público.

Nesse sentido, a informação não pretende exclusivamente garantir ao cidadão o exercício de sua autonomia individual, mas assegurar que tenha conhecimentos suficientes para atuar dentro da sua comunidade. A constituição da comunidade como um ponto de referência para a atuação profissional é marca a possibilitar entender o jornalismo de soluções como um jornalismo de inspiração comunitária (Souza, 2017, p. 56).

No caso desta pesquisa, “a audiência” será uma parte da comunidade estudantil de Campina Grande. Ela compõe uma parcela do público-alvo da Revista Anti-horário⁶, desenvolvida semestralmente por discentes do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A publicação, que é produzida na interseção entre sala de aula e extensão, é a primeira revista digital brasileira com foco em soluções. Com pouco mais de um ano de existência, já teve duas reportagens, uma de cada edição, finalistas nacionais no 2º Prêmio MOL⁷ de Jornalismo para Solidariedade.

Esses leitores em potencial da revista foram beneficiados por outra ação de extensão do curso de Jornalismo, que dialoga com a revista Anti-horário ao contribuir para explicar o que é o Jornalismo de soluções e estimular o seu consumo. Mas, o projeto de extensão “Desafio Anti-Horário: Registros fotográficos de soluções que ajudam a alcançar os ODS” vai além, tendo como um de seus objetivos capacitar os estudantes para a produção de conteúdo com foco em soluções⁸ que ajudem o País a alcançar os ODS⁸.

A mídia está, cada vez mais, inserida no processo organizacional da sociedade contemporânea, sendo mediadora entre a cultura e os indivíduos (Fantin, 2008). O letramento midiático passa a ser, portanto, uma proposta à formação de estudantes

⁵ Originário da palavra inglesa *empowerment*, o conceito de empoderamento social pode ser definido da seguinte forma: “Trata-se de processos que tenham a capacidade de gerar processos de desenvolvimento autossustentável, com a mediação de agentes externos – os novos educadores sociais – atores fundamentais na organização e no desenvolvimento dos projetos” (GOHN, 2004, p. 23).

⁶ Edição 1: https://issuu.com/neglin/docs/revista_antihorario_4_-compactado

⁷ Link do Prêmio: <https://www.premiodejornalismo.institutomol.org.br/>

⁸ Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) foram adotados em agosto de 2015, na Cúpula das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável. No total, são 17 ODS e 169 metas que foram criadas com o intuito de oferecer subsídios para a concepção de políticas nacionais e cooperação internacional até 2030.

intuitivos, críticos e com criatividade aguçada, promovendo uma sociedade mais justa, equilibrada e inclusiva a partir da produção e reflexão de mídia, pois aprimora a capacidade das pessoas de usufruírem de seus direitos humanos fundamentais (Unesco, 2013).

Por meio da observação participante, as ações do projeto foram analisadas pela líder e bolsista do projeto de extensão, a estudante do curso de Jornalismo, Nathália Leal. É provável que fique a dúvida se a suposta neutralidade da pesquisa será comprometida pelo fato da pesquisadora integrar o projeto de extensão. Conforme Marques (2016), isso não prejudica, necessariamente, o desenvolvimento do estudo.

Em nosso entendimento, o que se faz necessário é sistematizar a metodologia da pesquisa, de forma que o pesquisador possa utilizar a sua prévia experiência no lócus de pesquisa não como um fator que vai comprometer a “neutralidade”, mas sim como um fator que o ajudará a apreender melhor o ambiente da pesquisa e seus sujeitos. (Marques, 2016, p. 265).

Conscientes das vantagens e desafios inerentes a qualquer metodologia implementada, a construção dos dados foi sendo materializada, principalmente, ao longo das avaliações, pelo menos, mensais das ações desenvolvidas. Em seguida, as informações foram sistematizadas e reexaminadas para a produção deste trabalho.

ANÁLISE E RESULTADOS

Em 2023, os estudantes foram desafiados, como o nome do próprio projeto indica, a elaborarem narrativas visuais, a partir da fotografia, que registram soluções desenvolvidas para os problemas de suas comunidades e que ajudam a alcançar os ODS. O material foi produzido por 43 estudantes do IFPB, campus Campina Grande, da Escola Clementino Procópio e da EEEF de Aplicação, todas em Campina Grande, com base na capacitação realizada por meio de oficinas ministradas por acadêmicos de jornalismo integrantes do projeto.

Em consonância com o Jornalismo de soluções (McIntyre, 2017), em 2023, os estudantes das escolas públicas foram a campo em busca de registrar ações que ajudam a cumprir os ODS. Com a missão de dar visibilidade às mais diversas respostas aos problemas sociais, o Jornalismo de soluções encontra valor-notícia não nos desastres, mas nas respostas para eles (Simões, 2022). Ele mostra ser possível a reinvenção do fazer

jornalístico a partir de uma linguagem inovadora, com novos formatos e com discursos que se adaptam às mais diversas interfaces e alcance diferentes públicos.

Aos estudantes das escolas públicas, os universitários contextualizaram a importância dos ODS para enfrentar os desafios mais urgentes do mundo e para um futuro mais justo, equitativo e sustentável. Em seguida, apresentaram princípios básicos do jornalismo, como a elaboração de pautas, no viés do Jornalismo de soluções, e noções iniciais do fotojornalismo, como ângulos, composição e enquadramentos. Na sequência, os universitários abordaram tratamento de imagens, dicas finais sobre a elaboração do conteúdo, aplicativos de edição, direito de imagem e direito autoral.

Após isso, os participantes das oficinas iniciavam o processo de pré-produção, produção e pós-produção das fotos. Pesquisaram em suas comunidades ações ou personagens que pudessem fotografar e os ODS que melhor os representavam. Durante todo esse processo, provavelmente, tiveram uma nova visão sobre o jornalismo, apuraram o senso crítico e poderão ser produtores de narrativas jornalísticas com foco em soluções, além de entenderem a importância dos ODS e divulgarem isso com a comunidade escolar em que participam.

Os produtos finais, oriundos do trabalho realizado pelos estudantes e pela seleção das melhores fotos produzidas, resultaram na mostra fotográfica "Olhares que curam", realizada de forma física no Instituto Federal da Paraíba (IFPB), campus Campina Grande, com 33 fotos.

Dessa forma, acreditando na ressignificação dos critérios de noticiabilidade que o jornalismo de soluções sugere, o projeto Anti-horário incentivou a divulgação e o debate dos ODS nas escolas públicas de Campina Grande, a partir da produção e exposição de fotografias, elaboradas por parte da audiência da Revista Anti-horário, que registram soluções para problemas sociais.

Como estratégia principal, apropriando-se da produção de conteúdo, por meio de uma “*interacción productiva*”, em um contexto de audiências ativas (Masip et al, 2015), optou por envolver diretamente os estudantes das escolas públicas, incentivando-os a assumir o protagonismo na divulgação das informações sobre os ODS. Para isso, explorou as habilidades – adquiridas previamente – do público-alvo com as técnicas de produção e compartilhamento de conteúdo, utilizando dispositivos digitais móveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudantes de escolas públicas de Campina Grande tiveram a oportunidade de, junto aos acadêmicos de jornalismo, criarem experiências significativas que inspiram o pensamento crítico, promovendo o crescimento integral da comunidade estudantil. Após a capacitação, os alunos podem prosseguir com o protagonismo perante seus pares e na divulgação dos ODS, até mesmo em outros espaços, como seus bairros.

Dessa forma, a missão do projeto foi cumprida ao mobilizar os estudantes para a produção de fotografias que registram ODS e que inspiram um mundo melhor. O resultado obtido por essa prática extensionista possibilitou a criação de um objeto de estudo consistente para ajudar a responder se o público é capaz de produzir, quando previamente capacitado, conteúdo com foco em soluções para as demandas sociais.

Por meio da elaboração de bens simbólicos, os estudantes puderam contribuir para o processo de cura da autoimagem dos moradores dessas regiões, devolvendo, de certa forma, parte da dignidade que muitas vezes lhes são tomadas pela mídia tradicional, que prioriza a pauta na comunidade quando para noticiar relatos sobre episódios violentos e “casos de polícia” (Henriques *et.al*, 2012). Apesar da mudança ser gradativa, aumenta a esperança de que a grande mídia também passe a enxergar esses lugares como aptos à produção de soluções.

O registro a partir da fotografia funciona como uma espécie de prova, portanto, que há sim poder resolutório nas regiões menos favorecidas economicamente, desconstruindo o estigma de violência que lhes são atreladas, muitas vezes, com o auxílio de relatos noticiosos (Henriques *et al*, 2012). Sobretudo, as narrativas construídas oferecem indícios, que precisam ser analisados em conjuntos com outros materiais empíricos, da possibilidade de construção de conteúdo com foco em soluções pela audiência. Porém, este ainda é o início de uma pesquisa mais ampla e, por isso, apresenta apenas um resultado preliminar.

REFERÊNCIAS

BENESCH, Susan. The rise of solutions journalism. **Columbia Journalism Review**, s.l, v. 36, n. 6, mar./abr., 1998.

FANTIN, Mônica. Os cenários culturais e as multiliteracies na escola. *Comunicação e Sociedade*, vol. 13, p. 69-85, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais**. Saúde e Sociedade, v. 13, nº 2, mai-ago 2004.

HENRIQUES, Mariana; CASTILHO, Marina; SILVEIRA, Ada; GUIMARÃES, Isabel. **Enquadramento Jornalístico: enxergando a favela pelos olhos da mídia**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIII, Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul; Chapecó: 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-0722-1.pdf>

Johnson, Telma Sueli Pinto; Freitas, Franciane Maria Silva de. **Jornalismo de soluções como estratégia de política editorial na multiplataforma do bicentenário The Guardian**. Revista Eco-Pós, v. 25, n. 1, p. 413 -436, 2022.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

LOUGH, Kyser; McINTYRE, KAREN. **A systematic review of constructive and solutions journalism research**. Journalism, 2023. 24(5), 1069-1088. <https://doi.org/10.1177/14648849211044559>

McINTYRE, Karen Elizabeth. **Solutions journalism**: The effects of including solution information in news stories about social problems. Journalism Practice. 2017. Disponível em: [http:// dx.doi.org/10.1080/17512786.2017.1409647](http://dx.doi.org/10.1080/17512786.2017.1409647).

MARQUES, Janote Pires. **A “observação participante” na pesquisa de campo em educação**. Educação em Foco, v. 19, n. 28, p. 263-284, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1221>. Acesso em: 27 abr. 2020.

MASIP, Pere; GUALLAR, Javier; PERALTA, Miquel; RUIZ, Carles; SUAÚ, Jaume. **Audiencias activas y periodismo**: Ciudadanos implicados o consumidores motivados? Brazilian Journalism Research. V.1, n. 1, 2015.

SIMÕES, Antonio. **Jornalismo de soluções**. Curitiba: Appris, 2022.

SOUZA, Mariana Göelzer de. **Jornalismo de soluções**: um caminho possível. 2017. 81 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

UNESCO; **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores. 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418>

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5. ed. Lisboa: Presença, 1999.